

.....

## ***O Trauma segundo a psicanálise – alguns pontos de abordagem***

Roland Chemama<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo aborda o conceito de trauma na psicanálise a luz da teoria freudiana, lacaniana e ferenziana. A partir da análise do trauma como encontro com o sexual em Freud, analisa-se os eventos traumáticos contemporâneos como holocausto e os atentados terroristas na França de 2015, desenvolvendo a ideia de que o sujeito individual que não se sente mais protegido ressent um sentimento de abandono muito próximo do estado de desamparo. A conjunção da violência exterior e da fragilidade interior faz a força destruidora do traumatismo.

**Palavras-chave:** Trauma. Pulsão. Sexual. Desamparo. Hilflosigkeit.

## ***Le trauma selon la psychanalyse, quelques points de repère***

### **Résumé**

L'article aborde le concept de traumatisme en psychanalyse à la lumière de la théorie freudienne, lacanienne et ferenzienne. À partir de l'analyse du traumatisme comme rencontre avec le sexuel chez Freud, des événements traumatiques contemporains tels que l'Holocauste et les attentats terroristes en France en 2015 sont analysés, développant l'idée que l'individu qui ne se sent plus protégé ressent un sentiment de abandon très proche de l'état d'impuissance. La combinaison de la violence extérieure et de la fragilité intérieure est la force destructrice du traumatisme.

**Mots-clés:** Traumatisme. Pulsion. Sexuel. Abandon. Hilflosigkeit.

.....

O conceito de trauma é, sem dúvida, mesmo se não percebe-se sempre, um dos conceitos presentes nas pesquisas e ensinamentos da psicanálise, de modo mais constante desde sua origem até o período mais recente. Além disso, não conservou ao longo da história, o mesmo sentido e a mesma função. É, ainda mais, interessante situar, não o conjunto de suas ocorrências, o que exigiria um livro, não um artigo, mas ao menos alguns dos momentos onde toma, na

---

<sup>1</sup> Roland Chemama, psicanalista à Paris/FR, membro da Associação Lacaniana Internacional - ALI.

nossa disciplina, um importante valor. Aqui se proporá, então, um percurso necessariamente particular, sem nenhuma pretensão de exaustividade. O que este percurso permite destacar de início, é de qual modo, a cada etapa, as teses sobre o trauma são ligados a questões essenciais relativas a orientação geral da prática e teoria psicanalítica. Mas, no período atual torna-se essencial nos indagarmos igualmente o que o conceito de trauma pode esclarecer da brutalidade do que ocorre no mundo contemporâneo.

### **Trauma e sedução precoce**

O termo traumatismo aparece muito frequentemente nas primeiras obras de Freud, que se tratasse dos seus trabalhos de pesquisa ou das obras onde ele tenta fornecer uma apresentação acessível de suas teorias, aparentemente concebida para um público o mais amplo possível. As *Cinco lições sobre a Psicanálise*<sup>2</sup> são paradigmáticas a este respeito. Se trata de conferências que foram efetivamente pronunciadas, em 1904 na Clark University, Worcester (Massachusetts/EUA). Em algumas páginas Freud relata o tratamento que segundo ele constitui o ato de nascimento da psicanálise, e que foi conduzido por Joseph Breuer. Sabe-se que se tratava de uma jovem que se chamava Bertha Pappenheim, mas que se tornou conhecida pelo nome Ana O. Ela sofria de diferentes sintomas físicos e mentais, os quais Freud, diz de início que eles são consequências de « choques emocionais violentos ». Uma vez o caso, bastante conhecido, descrito nessas grandes linhas, Freud acrescenta, nas páginas que seguem imediatamente, uma teoria do conjunto da histeria. Em cada caso, escreve ele (Breuer) « constatou que os sintomas eram, por assim dizer, como resíduos de experiências emocionais que, por certa razão, nós chamamos mais tarde traumatismos psíquicos ; sua característica particular se relacionava a cena traumática que as provocou ».

Observa-se, imediatamente, a introdução do termo traumatismo. Pode-se, contudo, destacar em seguida o que Freud acrescenta : « contrariamente ao que se esperava, que não era sempre de um só evento que resultava o sintoma, mas, na maior parte das vezes, de múltiplos traumatismos seguidamente análogos e repetidos ». Esta última frase coloca um problema em relação a definição que é necessário dar a isso que chamamos « traumatismo » ou mais simplesmente « trauma ». O que nós associamos, de fato, mais frequentemente ao trauma, é a idéia do repentino, da surpresa. È por que um sujeito não é preparado para uma « experiência

---

<sup>2</sup> S. Freud, *Cinq leçons sur la psychanalyse (Cinco lições sobre a psicanálise)*, seguido de *Contribution à l'histoire du mouvement psychanalytique (Contribuições à história do movimento psicanalítico)* Paris, Petite Bibliothèque Payot, 2010.

emocional » particular que isso pode ter para ele, uma dimensão traumática. Que pensar, então, nesta ideia que frequentemente traumatismos análogos são repetidos na vida do sujeito? Se esses traumatismos se repetem pode-se ainda considerar que eles permanecem imprevisíveis e, por isso mesmo patogênicos?

Talvez, podemos encontrar nisso o indício que algo essencial, desse momento, está em vias de se introduzir na teoria analítica, alguma coisa que é necessário situar em relação a teoria do traumatismo, a ideia da repetição como inscrição subjetiva de um conflito patogênico<sup>3</sup>. Mas, continuemos, no momento, a examinar a que se articula, nos primeiros anos da teorização freudiana, a noção de traumatismo.

O traumatismo que Freud situa na origem da neurose é claramente sexual. Consiste na « sedução» de uma criança por um adulto ou adolescente. Pode-se situar sobre este ponto o que Freud afirma numa carta a Fliess datada de 08 de outubro de 1895 : «a histeria é determinada por um acidente sexual primário ocorrido antes da puberdade e que foi acompanhado de nojo e pavor. Pelo obsessivo esse mesmo incidente foi acompanhado de prazer»<sup>4</sup>. Se poderia, então, questionar em que um acontecimento acompanhado de prazer pode ser traumatizante. Sem dúvida tem aí para a criança « muito » de prazer. Ademais o que Freud acrescenta numa carta datada de 15 de outubro é que esse prazer, esta « volúpia sexual », se transformou ulteriormente, no sujeito obsessivo, em sentimento de culpabilidade. Vê-se que desde essa época Freud não se satisfaz com explicações que simplificariam muito a realidade que ele descobre.

Sabe-se, contudo, que Freud teve que renunciar rapidamente à ideia que uma histeria era sempre a consequência de um traumatismo sexual, de um ato sexual perverso cometido pelo pai, mesmo se este era frequentemente incriminado nas queixas de seus pacientes. É necessário ponderar que em inúmeros casos não é possível saber se o traumatismo se colocou, ou encontra-se em presença de uma « ficção investida de afeto », ou seja, de um fantasma, na medida em que « o fantasma sexual se representa continuamente em torno do tema dos pais»<sup>5</sup>.

O que, contudo, este abandono, além disso parcial, da teoria da sedução nos conduz a abandonar simultaneamente a ideia que a neurose possa ter relação com isso que, na vida do

---

<sup>3</sup> É necessário, além disso, acrescentar, para não simplificar demais, que desde o início Freud apresenta a relação entre o acontecimento traumático e o sintoma no quadro de uma causalidade em dois tempos. O acontecimento traumático permaneceu inscrito no psiquismo e quando no momento da puberdade, a excitação se reforçando, a questão sexual deve ser retomada, o traumatismo sexual vai representar seu papel patogênico : o recalque fará seu retorno sob a forma de sintoma.

<sup>4</sup> S. Freud, carta à W. Fliess, 8 outubro 1895, em *La naissance de la psychanalyse (O nascimento da Psicanálise)* Paris, P.U.F., 1956.

<sup>5</sup> S. Freud, carta à W. Fliess, 21 setembro de 1897, em *O nascimento da psicanálise (La naissance de la psychanalyse)*, Paris, P.U.F., 1956)

sujeito, pode ter um valor traumático? Arrisquemos aqui uma hipótese paradoxal. Não podemos pensar que a ideia de um traumatismo somente se deslocou? Se poderia dizer que o que é traumático para o sujeito humano, homem e mulher, não toma obrigatoriamente a forma de um abuso sexual cometido por um adulto sob uma criança na pré-puberdade. Talvez seja necessário pensar que o que é traumático é o reencontro do sexual ele mesmo, por que este na nossa experiência, não aparece como um lugar de harmonia inscrita na nossa natureza. O sexual tem continuamente alguma coisa de excessivo ou insuficiente, e isso, de uma certa maneira, o sujeito pressente desde a mais tenra idade.

### **Pulsão de morte, clivagem e estado de desamparo**

É, contudo, sob um outro terreno que a questão do traumatismo retomou, ulteriormente, um lugar importante em Freud. Ela aparece num texto essencial que desenvolve a hipótese da pulsão de morte, *Além do princípio do prazer*<sup>6</sup>. Freud evoca a « neurose traumática ». Esta pode acompanhar, por exemplo, « graves comoções mecânicas, catástrofes de ferrovias e outros acidentes colocando a vida em perigo », mas, Freud (em 1920) fala sobretudo a propósito do grande número de emoções ligadas a « guerra terrível em vias de acabar ». Esta causou, recordem-se, 18,6 milhões de mortes, quase igualmente dividido entre militares e civis. Freud mesmo viveu esta guerra na angústia, notadamente por que dois de seus filhos estavam no front. Acrescentemos que no início dos anos de 1920 sua filha Sophie, sem dúvida a preferida entre seus filhos, morreu em seguida da gripe espanhola, que surgiu imediatamente após a « grande guerra ».

Uma das características da neurose traumática é que o sujeito revive, de modo repetido, os acontecimentos que o chocaram. Observa-se estes reaparecerem principalmente na forma de pesadelos. « A vida onírica de neuroses traumáticas, escreve Freud, se caracteriza nisso que ela trás, sem anular a doença da situação de seu acidente, a situação na qual ele desperta com um novo pavor ». Freud vê aqui, se referindo a Ferenczi, uma « fixação » ao momento do traumatismo. Mas isso não resolve o que vai constituir para ele uma questão essencial. Se esperaria, se o sonho se define como « realização de um desejo », à isso que os sujeitos traumatizados sonham da época na qual eles estavam suportando bem ou ainda a cura que eles esperavam. Se eles não o fazem isso não obrigaria a uma revisão da teoria do sonho, e ao mesmo tempo da teoria geral do psiquismo ?

---

<sup>6</sup> S. Freud, *Além do princípio do prazer (delà du principe de plaisir) em Ensaios de psicanálise (Essais de psychanalyse, Paris, Petite bibliothèque Payot, 1981)*

Os traumatismos irão constituir, então, um dos pontos de partida da hipótese da pulsão de morte, na qual Freud verá um dos princípios da vida psíquica (o outro era a pulsão de vida ou pulsão sexual). Ele será levado a afirmar que há, no psiquismo, uma tendência a repetir mesmo o mais doloroso e Lacan, mais tarde, evocará a dimensão, essencial para o sujeito, de uma « compulsão a repetição ». Vê-se em que sentido, nesse momento onde a teoria conhece uma mutação importante, a questão do traumatismo obriga a uma redefinição.

Considera-se geralmente que na história da noção de traumatismo a etapa importante que segue é ligada ao nome de Ferenczi. Num primeiro sentido se poderia estimar que o analista húngaro propôs somente, sobre esta questão, uma descrição particularmente impressionante sem, porém, se distanciar do ponto de vista freudiano. Assim, num dos seus últimos artigos « Análises de crianças com os adultos »<sup>7</sup>, Sandor Ferenczi evoca o que ele chama de « mecanismo de traumatogênese » : « de início a paralisia completa de toda espontaneidade, desde todo o trabalho de pensamento, ou situações semelhantes aos estados de choque ou mesmo de coma, no domínio psíquico (...) ». Acrescentamos que no mesmo artigo ele completa esta descrição utilizando o termo clivagem. Evocando os pequenos contos que conta-se as crianças, ele fala de medusa que graças a sua maleabilidade esquiva todos os golpes e mordidas de outros animais, depois retoma sua forma primitiva, Esta história, diz ele, pode ser interpretada de duas maneiras : de uma parte ela exprime a resistência passiva que o paciente opôs as agressões do mundo exterior , de outra parte ela representa a clivagem da pessoa em uma parte sensível, brutalmente destruída, e outra que sabe tudo mas não sente nada, de nenhuma forma.»<sup>8</sup>.

Uma outra dimensão da contribuição de Ferenczi relativa ao traumatismo foi destacado recentemente por Catherine Millot, na ocasião de um colóquio sobre « Ferenczi após Lacan », em Budapeste em 2006<sup>9</sup>. Em Ferenczi, ela relembra, que “o impacto do traumatismo residia na revelação da falta de confiabilidade dos pais, que seja sobre o golpe do abuso sexual ou de uma punição muito severa, ou ainda de uma mentira”. Além disso, nossa experiência confirma que o que foi traumático é o sentimento dessa traição do amor que a criança poderia dirigir ao

---

<sup>7</sup> S. Ferenczi, *Analyses d'enfants avec des adultes (Análise de Crianças com adultos)*, em *Psicanálise IV, Obras completas, 1927-1930 (Œuvres Complètes - Paris, Payot, 1982)*.

<sup>8</sup> Essa clivagem que acompanha uma espécie de neutralização de toda sensibilidade, nós a reencontraremos frequentemente hoje nos sujeitos confrontados aos acontecimentos violentos e traumáticos (como nos atentados terroristas dos quais falaremos mais adiante), e também reencontramos nesses sujeitos a paralisia de todo trabalho de pensamento.

<sup>9</sup> Catherine Millot, « *A mística ferencziana* » (« *La mystique ferenczienne* ») em *Ferenczi após Lacan (Ferenczi après Lacan)* sob a direção de Jean-Jacques Gorog (Paris, Hermann Éditeur, 2009).

adulto que tem um lugar essencial. Isso reenvia também, e Catherine Millot destaca, ao que Freud chama estado de desamparo (*Hilflosigkeit*), ou seja, a esse estado total de dependência do pequeno humano em relação a sua mãe. Destacamos que Freud em *Inibição, sintoma e Angústia*<sup>10</sup>, reconhece o estado de desamparo como o protótipo da situação traumática. O sujeito humano não é somente traumatizado pelas eventuais situações de agressão nas quais ele pôde ser vítima, mas, por sua própria vulnerabilidade original.

### **Pensar os traumas contemporâneos**

Na realidade levar em conta a combinação desses dois fatores, a agressão de um lado, a vulnerabilidade do outro, é importante se queremos que o conceito de traumatismo nos seja verdadeiramente útil para pensar os traumas que abalam atualmente nosso mundo. Ora, é sem dúvida atualmente a tarefa mais necessária para a psicanálise. Para além da sua história individual os pacientes provam todos, de modo diferente, os efeitos aterrorizantes ou angustiantes dos atos terroristas ou das pandemias que tomaram grande dimensão na nossa vida cotidiana.

Fui levado a escrever, com Christian Hoffmann, um livro intitulado *Trauma na Civilização*, com o sub-título *Terrorismo e Guerra das Identidades*<sup>11</sup>. Nós concebemos o projeto após os massacres terroristas que, em 2015, fizeram, em Paris, centenas de mortos e milhares de feridos. Em nome de uma ideologia islamista, denunciando a impiedade do Ocidente e o colonialismo, os terroristas atingiram Paris, de modo o mais indistinto, tentando fazer o maior mal possível. Sem tentar explicações geopolíticas, nos concentramos, Christian Hoffmann e eu mesmo, a dar conta do efeito traumático de tais atos. Havia de início, certamente, o que sofreram as pessoas que foram feridas ou estas que perderam pessoas próximas, parentes ou amigos. Mas, além disso, o traumatismo afetou a população de forma mais ampla e mensuramos isso a partir do que diziam os analisantes<sup>12</sup>.

Nos sujeitos feridos, alguns mutilados, que Christian observou uma forma de traumatismo que, segundo ele, não se adequava a descrição ferencziana. Ele o apoiou sobre o tema lacaniano do encontro com o Real, um real que se encontra além da insistência dos signos.

---

<sup>10</sup> S. Freud, *Inibição, sintoma e angústia* (*Inhibition, symptôme et angoisse*, Paris, P.U.F, 1973).

<sup>11</sup> R. Chemama et C. Hoffmann, *Trauma na civilização – Terrorismo e guerra das identidades* (*Trauma dans la civilisation, Terrorisme et guerre des identités*, Toulouse, Érès, 2018)

<sup>12</sup> Todos os analisantes, evidentemente, não falaram de modo preciso e repetido, mas quando se está atento se ouve bem, em tal sonho de angústia, por exemplo, o eco de uma situação ainda mais inquietante porque outros atos terroristas ocorreram, evidentemente imprevisíveis. Sabia-se que houveram mas obviamente não sabia-se nem onde e nem quando.

Lacan, em efeito, se apoiou no vocabulário aristotélico que opôs o encontro, o « acaso» à ordem do discurso, que representa aqui o « autômaton ». O mais interessante, então, está nas consequências clínicas que ele extrai disso : aqui onde o sujeito não pode mais que repetir o encontro traumático com o real nossa tarefa consiste em favorizar, a partir do próprio trauma, a produção de um sintoma que poderia ser o objeto de interpretações.

No que concerne aos sujeitos que não foram confrontados diretamente com a violência dos atentados é necessário, contudo, para que eles possam falar de seus medos e de suas angústias, saber entender o que poderia os trair em suas palavras, e facilitar sua expressão. Isso poderia surgir por ocasião de um sonho, mas este aqui não reenviaria necessariamente, ao menos aparentemente, à atualidade. Ele poderia ser, em contrapartida, relativo a outros traumatismos que a história da Europa do século XI está repleta<sup>13</sup>. Em primeiro plano há o holocausto que produziu frequentemente efeitos destruidores sobre as pessoas as mais diversas, que sua família sofreu diretamente ou não. Acrescentemos que o traumatismo podia agir também aqui onde o sujeito ignorava (ou não sabia que inconscientemente) o que se passou nessa época. Isso pode ser ilustrado pela via de um artista contemporâneo, Michel Nedjar, que, criança, juntava as bonecas quebradas de suas irmãs, as vestias, e as enterrava. Somente mais tarde que esta criança judia, a quem não se havia dito nada do fato que deixava-se sem sepultura estes que eram massacrados no campo de concentração nazistas, compreendeu o que ele tentava consertar inconscientemente.

Ao efeito traumatizante do terrorismo é necessário, dissemos, acrescentar um outro determinante existente na vulnerabilidade. Nós nos referimos, Christian Hoffmann e eu, a fragilização de uma sociedade explodida, na qual as diversas comunidades se afrontam sem que possa emergir uma « hegemonia democrática»<sup>14</sup>. Quando uma sociedade é profundamente dividida ela tem mais pesar em confrontar o choque produzido por atos terroristas. Mas, pode-se acrescentar que o sujeito individual que não se sente mais protegido ressentir um sentimento de abandono muito próximo do estado de desamparo que evocamos a partir das análises de Ferenczi. É bem a conjunção da violência exterior e da fragilidade interior que faz, aqui como em outro lugar, toda a força destruidora do traumatismo.

---

<sup>13</sup> Existe frequentemente, por assim dizer, uma « espessura» do traumatismo, um traumatismo recente reenviando ao que fez traumatismo para o sujeito na sua história, ou também na história de sua família ou da sociedade na qual ele vive. O que explica o efeito destruidor do terrorismo para além dos que foram as vítimas diretamente.

<sup>14</sup> Nós nos apoiamos, a este respeito, sobre os trabalhos de Ernesto Laclau, em particular *A guerra das identidades* (*La guerre des identités* - éditions La découverte, Paris, 2000).

## Bibliografia

- R. Chemama et C. Hoffmann, *Trauma dans la civilisation, Terrorisme et guerre des identités*, Toulouse, Érès, 2018.
- S. Ferenczi, « Analyses d'enfants avec des adultes », dans *Psychanalyse, IV, Œuvres complètes 1927-1930*, Paris, Payot, 1982.
- S. Freud, *Au delà du principe de plaisir*, dans *Essais de psychanalyse*, Paris, Petite bibliothèque Payot, 1981.
- S. Freud, *Cinq leçons sur la psychanalyse*, suivi de *Contribution à l'histoire du mouvement psychanalytique*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 2010.
- S. Freud, *Inhibition, symptôme et angoisse*, Paris, P.U.F, 1973.
- S. Freud, *La naissance de la psychanalyse*, Paris, P.U.F., 1956.
- E. Laclau, *La guerre des identités*, Paris, éditions La découverte, 2000.
- C. Millot, « La mystique ferenczienne », dans *Ferenczi après Lacan*, sous la direction de Jean-Jacques Gorog, Paris, Hermann Éditeur, 2009.